

## TORTURAS — MANUTENÇÃO DE PODER E NÃO DO SENSO MORAL

“Não há regra para se determinar com exatidão quando se deve recorrer à tortura. De qualquer forma, recomenda-se que a ela seja submetido todo aquele contra o qual pesar uma única denúncia ou simples suspeita — e também os acusados que revelem alguma hesitação durante o interrogatório. Nos casos de heresia, não há pessoas não-torturáveis — embora as mulheres grávidas possam ser poupadas até o parto. E, no trato com velhos ou crianças menores de 14 anos, devem ser aplicados métodos mais moderados — como o porrete e o chicote”.

Esses preceitos fazem parte do sinistro “Directorium Inquisitorum” — ou “Manual dos Inquisidores” — elaborado em 1376 pelo frei dominicano Nicolau Eymerich, inquisidor-geral da Catalunha no século XIV. Duzentos anos depois, o código foi revisto e aumentado pelo espanhol Francisco Peña, especialista em direito canônico, para ser publicado pela primeira vez em Paris, no final do mês passado. Dessa forma, fez-se mais al-

guma luz sobre os obscuros tempos em que a Inquisição estendia seus longos braços à menor suspeita de atividades heréticas, consumindo-as nas fogueiras que arderam por quase 3 séculos em todo o mundo católico.

Em quase 700 páginas, o documento estabelece um vasto repertório de tortuosos métodos de detecção de heresias e ardilosos recursos aconselhados nos interrogatórios. Assim, através de intermináveis explanações, frei Eymerich dissecou toda categoria de hereges, dividindo-os em 20 grupos, onde pontificam os “manifestos ou secretos, judeus convertidos ou rejudaizados e adeptos de seitas sarracenas”. Implacável, o manual desce às características físicas dos infelizes réus: “Vestem longas túnicas brancas, usam cabelos compridos e cantam o salve-rainha”.

As instruções para obter-se confissões rápidas recomendam aos inquisidores o emprego de “todos os meios possíveis pa-

ra fazer falar os acusados”. Mas, embora se refira com significativa frequência ao uso da tortura, o manual evita resvalar para descrições mais detalhadas dos instrumentos adotados. “Não somos carrascos”, justifica Peña a certa altura. De qualquer forma, o interrogatório costuma desembocar no mesmo impasse: “Se o acusado confessar”, conceitua frei Eymerich, “é culpado”. Caso contrário, “ele está possuído pelo demônio”.

As valiosas informações históricas sobre o papel da Inquisição como aparelho policial da Igreja Católica dos séculos XIV e XV conferem a certos trechos do documento uma inquietante atualidade. Com franqueza, Peña esclarece que os “processos não são feitos para salvar a alma do acusado, mas para aterrorizar o povo e manter a ordem pública”. E tudo deve ser feito de modo a não sobressair o menor indício de que a condenação tenha sido injusta. “Ainda que seja penoso conduzir um inocente à fogueira”, diz Peña, “eu louvo o hábito de torturar os acusados” (*Revista Veja*).

Abstraindo falsos pudores, “a Esposa de Cristo sem mancha nem ruga” tem sido na prática uma ficção, momentos poéticos de fantasia individual, meta muito mais a alcançar a duras penas do que presente perfeito caído das mãos do Espírito Santo. Como consciência da humanidade, a Igreja acompanhou a evolução na direção da delicadeza crescente dos sentimentos humanos e de repugnância ao esmagamento dos indefesos. Hoje ela é a voz que clama contra a tortura, planta bem vicejante ainda em pleno século XX. Pois, como conclui o tradutor para o francês do Manual de frei Eymerich, “se a instituição da tortura parece morta, a atitude ideológica que ela expressava permanece tão vigorosa quanto antes”. Comparem isso tudo aí com o “Amai-vos uns aos outros” do evangelho de hoje.

### CATABIS & CATACRESES

#### DEIXE DEUS FAZER POR MARIA AO MENOS O QUE FEZ POR VOCE

1. Meu querido pastor, você é pastor? Se é pastor, é intermediário entre Jesus e o povo. Por que Maria Sma. não poderá ser intermediária também, numa fidelidade à sua missão de Mãe do Senhor?

2. Meu querido pastor, por que Jesus não poderia salvar Maria, sua Mãe, de maneira especial, já que a missão dela — ser mãe do Filho de Deus — era singular, irrepetível? Preservou-a de todo pecado e sombra de pecado.

3. Meu querido pastor, por que Maria que nos deu Cristo e assim cooperou de modo singular para a obra da salvação deixaria de se interessar pelo corpo de Cristo que é a Igreja?

4. Meu querido pastor, por que Maria Sma., que se identificou ao máximo com Jesus Cristo — ninguém melhor do que ela poderia assumir a palavra de Paulo: “Eu vivo, mas propriamente não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gál 2,20) — não pode ser considerada nosso modelo e, por sua total fidelidade à causa de Cristo, nossa intercessora?

5. Meu querido pastor, será que Cristo, único mediano entre Deus e os homens, sairá prejudicado porque você prega e anuncia o evangelho? E sairia prejudicado pela presença de Maria, sua mãe, na vida da Igreja?

6. Há uma seqüência dolorosa de catabis religiosos, leitor maravilhoso, que só podem ser ultrapassados quando e se voltarmos à fonte puríssima do evangelho e à melhor tradição da Igreja. Difícil mas não impossível, tá?

### 1. ACOLHIDA

C. "Este é o meu mandamento: que vocês se amem uns aos outros como eu amei vocês", ensina Jesus na boa-nova de hoje. Pois meus irmãos, sejamos todos bem-vindos neste encontro, em que vamos mais uma vez celebrar o Cristo ressuscitado. Que este amor, no qual se resumem todos os mandamentos, esteja no coração de todos vocês.

T. O amor de Deus esteja também no teu coração / para que possas hoje nos transmitir com toda pureza / os ensinamentos do seu evangelho.

### 2. CANTO DE ACOLHIDA

(*Missá do Encontro* - Miria Kolling - compacto das Ed. Paulinas)

1. Aqui nos encontramos / reunidos no amor de Deus / para louvar alegres nosso Pai / como convém aos filhos seus.

*Refrão:* Cantemos juntos o seu louvor, / pois Ele é nosso Deus e Senhor.

2. De todos os lugares / à sua casa Ele nos chamou / para que assim possamos em família / cantar o bem que Ele nos fez.

3. O amor, a graça, a vida / nós buscamos aqui, Senhor, / para voltarmos fortes e animados / à luta contra o mal e a dor.

### 3. ATO DE RECONCILIAÇÃO

C. Nisto consiste o amor de Deus: não fomos nós que O amamos, foi Ele que nos amou primeiro. Aí está a diferença entre o amor sentimental e o amor cristão: apesar de sermos o que somos, antipáticos, grosseiros, egoístas, interesseiros, mesmo assim, Deus mandou seu Filho Jesus para fazer contrapeso a tudo isso. Diante do próximo, como é que procedemos? Recusamos o nosso coração, damos em troca, nos trancamos? Ou, na família, somos capazes de querer o bem do outro até o fim? Reflitamos um pouco sobre isso.

T. Senhor Jesus / justamente neste ponto do amor / temos de reconhecer que somos muito diferentes / do exemplo e do mandamento que nos deixastes. / Antes de celebrar o amor que nos deu a ressurreição dos mortos / pedimos perdão das nossas faltas de caridade / das nossas durezas de coração / de todas as vezes em que tornamos o mundo mais infeliz / porque fomos incapazes de praticar o vosso amor.

### 4. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

C. Glória a Deus nas alturas!  
T. E paz na terra aos homens por Ele amados. / Senhor Deus, Rei dos céus /

Deus Pai todo-poderoso / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo / Filho unigênito / Senhor Deus / Cordeiro de Deus / Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo / Jesus Cristo / com o Espírito Santo / na glória de Deus Pai. Amém.

### 5. ORAÇÃO

Senhor Deus todo-poderoso / queremos celebrar com muita alegria / os mistérios da ressurreição do vosso Filho / para que a nossa fé na ressurreição dos mortos e na vida futura / nos dê força para combatermos o nosso egoísmo / e trabalharmos por um mundo melhor para todos os vossos filhos.

### 6. 1ª LEITURA

O amor cristão não faz diferença de pessoas, cortejando os ricos e maltratando os pobres, humilde diante dos grandes e prepotente diante dos pequenos.

Dos Atos dos Apóstolos (10,25-26. 34-35.44-48): «Quando Pedro entrou, Cornélio veio ao seu encontro, ajoelhou-se e se curvou diante dele. Mas Pedro o ergueu e disse: «Fica de pé. porque eu também sou apenas um homem!» Pedro começou a falar: «Agora sei que Deus trata a todos igualmente. Ele aceita todos os que o respeitam e fazem o que é justo, seja qual for a raça». Quando Pedro ainda estava falando, o Espírito Santo desceu sobre todos os que o estavam ouvindo. Os cristãos judeus, que tinham vindo com Pedro, ficaram admirados, porque Deus tinha derramado o dom do Espírito Santo sobre os que não eram judeus. Pois eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus. Então Pedro disse: «Essa gente recebeu o Espírito Santo como nós também recebemos. Será que alguém vai ser contra que eles sejam batizados com a água?» Então mandou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Depois eles pediram a

Pedro que ficasse alguns dias com eles». — Palavra do Senhor.

### 7. SALMO DE LOUVOR

T. O Senhor mostrou a salvação / aos povos revelou sua bondade.

C. O Senhor mostrou-nos a sua salvação / aos povos revelou sua bondade / lembrou-se de sua palavra e de seu amor / como prometera ao seu povo eleito.

C. Os confins da terra foram testemunhas / da salvação que Deus nos deu / aclamai ao Senhor, ó terra inteira / alegrai-vos e exultai em Deus.

### 8. 2ª LEITURA

Muito mais que diferenças externas ou pertença a determinado grupo, o que faz que sejamos de Deus é a nossa capacidade de amar as pessoas com quem convivemos.

Da Primeira Carta de S. João (4, 7-10): «Meus queridos, amemos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. Quem ama é filho de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não o conhece, porque Deus é amor. Foi assim que Ele mostrou seu amor por nós: mandou seu Filho único ao mundo, para termos a vida por meio dele. Amor é isto: não fomos nós que amamos a Deus, foi Ele que nos amou primeiro e mandou o seu Filho, para que por meio dele os nossos pecados fossem perdoados». — Palavra do Senhor.

### 9. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

1. Jesus Cristo nos fala no evangelho / anunciando a sua salvação.

*Refrão:* Só o Senhor tem palavra de vida eterna, aleluia!

2. Sua mensagem é vida e verdade / é a boa-nova da paz e do amor.

3. Ouviremos de Cristo a palavra / e sua mensagem depois vamos viver.

### 10. 3ª LEITURA

Toda a teologia pode ser muito simples, porque se resume numa só re-

comendação: «Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei».

Do evangelho de S. João (15,9-17): «Jesus falou assim: «Assim como o Pai me amou, assim também eu amei vocês. Continuem pois em meu amor. Se vocês obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu obedeço aos mandamentos de meu Pai e permaneço em seu amor. Digo essas coisas para que a minha alegria esteja em vocês e esta alegria seja completa. O meu mandamento é este: Amem-se uns aos outros como eu amo vocês. O maior amor que alguém pode ter por seus amigos é dar a vida por eles. Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu mando. Não chamo vocês de escravos, porque o escravo não sabe o que seu dono faz. Chamo vocês de amigos, pois tenho dito a vocês tudo o que ouvi de meu Pai. Não foram vocês que me escolheram, eu é que escolhi vocês, para que vão e dêem muito fruto e que esse fruto seja constante. Desta forma, o Pai dará tudo o que vocês pedirem em meu nome. Portanto, o que eu mando é isto: Amem-se uns aos outros». — Palavra da salvação.

## 11. PROFISSÃO DE NOSSA FÉ

C. Creio em Deus Pai, todo-poderoso.  
T. Criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo / seu único Filho / nosso Senhor / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / está sentado à direita de Deus Pai, todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos / creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

## 12. PRECES DA COMUNIDADE

1. Para que o amor que celebramos na eucaristia seja realmente a meta princi-

pal, que procuramos conseguir na vida cristã de nossa família, rezemos ao Senhor.

2. Para que entendamos o amor cristão como fome e sede de justiça, que nos leva não ao sentimentalismo mas ao esforço e à luta por um mundo melhor, rezemos ao Senhor.

3. Para que não caiamos na ingenuidade ou alienação de pensar que a miséria e a espoliação dos filhos de Deus sejam decorrência dos planos de Deus, rezemos ao Senhor.

4. Para que descubramos que a força da Igreja por um mundo melhor está na união e no trabalho comum de todos os cristãos, rezemos ao Senhor.

5. Pelos pobres, para que tenham força de lutar, pelos ricos, para que descubram a inutilidade de suas seguranças materiais, rezemos ao Senhor.

6. Pelos nossos falecidos, para que sua presença na vida imortal nos sirva de encorajamento para desprezarmos as seguranças materiais e pormos nossas qualidades a serviço de um mundo mais justo, rezemos ao Senhor.

## 13. CANTO DO OFERTÓRIO

1. No altar do Senhor apresentamos / pão e vinho para o sacrifício.

*Refrão:* Aceitai, Senhor, os dons de nosso amor.

2. Nossa festa fazemos com alegria / pois a Deus tudo entregamos.

3. Pão e vinho depois se tornarão / Corpo e Sangue de nosso Senhor.

## 14. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Senhor nosso Deus / subam até vós as ofertas do nosso sacrifício / juntamente com o clamor dos oprimidos / e daqueles que sofrem em sua carne / as conseqüências das injustiças do mundo / e desça para a vossa Igreja reunida / a força do vosso Espírito / que nos ajude a instaurar a convivência dos irmãos.

## 15. CANTO DA COMUNHÃO

1. Exultando vamos todos / à mesa do Senhor / que reúne sua família / para celebrar o amor.

*Refrão:* É o Pai que nos convida / para a ceia do amor / e nos dá seu próprio Filho / Cristo, nosso Salvador.

2. Todos nos alimentamos / deste Pão que vem do céu / ele vai ser nossa força / no caminho para o Pai.

3. Cristo a nós hoje se une / pela santa comunhão / para que depois vivamos / este amor entre os irmãos.

## 16. AÇÃO DE GRAÇAS

Deus eterno e todo-poderoso / pela ressurreição de vosso Filho Jesus Cristo / nos renovais para a vida eterna. / Ensinai-nos a entender a vida eterna / como continuação dos esforços que fazemos / para que o vosso Reino já comece neste mundo. / Na semana que vai começar / ajudai-nos a superar o egoísmo natural / e dai-nos a consciência / para usarmos nossas qualidades e nossos esforços / na construção de um mundo mais feliz / naquele ambiente que depende de nós.

## 17. CANTO DE AÇÃO DE GRAÇAS

1. Alimentados com o Pão da vida / agora vamos firmes caminhar / pelo Cristo somos sustentados / ele nos ensina a amar.

*Refrão:* Sim, a minha missa agora vou viver / Cristo presente em minha vida / será levado ao meu irmão.

2. A união e alegria que vivemos / são maravilhas do amor de Deus / e por isso nós as levaremos / para os outros filhos seus.

3. Bem verdadeiro foi o nosso encontro / terá sentido a nossa comunhão / se também as dores e esperanças / comungarmos com o irmão.

## LEITURAS PARA A SEMANA

Segunda-feira: At 16,11-15; Jo 15,26-16,4 / Terça-feira: At 16,22-34; Jo 16,5b-11 / Quarta-feira: At 17,15.22-18,1; Jo 6, 12-15 / Quinta-feira: At 18,1-8; Jo 16, 16-20 / Sexta-feira: At 18,9-18; Jo 16, 20-23a / Sábado: At 18,23-28; Jo 16, 23b-28.

LEVE A FOLHA PARA LER EM CASA

# A DESMISTIFICAÇÃO APROFUNDA E ENFATIZA O PAPEL DO PADRE

## ASPECTOS DA VOCAÇÃO SACERDOTAL

*A vocação sacerdotal/religiosa faz parte da Igreja — Opiniões contrárias — A escolha dos 12 como sinal e tipo — Perenidade do sacerdócio na Igreja — Deformações — O essencial do sacerdócio eclesial — O Vaticano II valoriza o essencial.*

*A Folha:* O Sr. falou que era necessário apontar aos leigos e sobretudo aos jovens a possibilidade da vocação sacerdotal e da vocação religiosa. Haverá aceitação e compreensão?

*D. Adriano:* Este é o ponto: fazemos a vocação sacerdotal ou religiosa compreendida na sua grandeza interior e na sua eficiência; depois de melhor compreendida, talvez seja aceita e procurada. Nosso dever, aqui como em geral na pastoral, é anunciarmos o reino de Deus. Ao reino de Deus pertence o ministério sacerdotal e também o testemunho da vida consagrada. Temos de pregar por todos os meios, inclusive e principalmente pelo testemunho de uma vida consagrada e dedicada ao serviço dos irmãos, temos de pregar sim que o sacerdócio e a vida religiosa pertencem à estrutura da Igreja e do reino de Deus começado.

Quer dizer: a Igreja precisa do sacerdote e do religioso para ser o que ela deve ser. De vez em quando ouvimos dizer que a Igreja do futuro não terá mais sacerdotes nem religiosos, todos exercerão o sacerdócio universal, todos darão na vida de cada dia testemunho de consagração.

Que dizer dessas e semelhantes opiniões? A história da Igreja — que é em muitos pontos essenciais uma interpretação do evangelho e uma teologia vivida por inspiração do Espírito Santo — parece indicar outra coisa.

A escolha especial dos doze tem sentido ou não? O fato de Jesus Cristo separar alguns de seus seguidores mais fiéis para dar-lhes tarefa específica significa uma estrutura normativa para a Igreja ou era apenas uma fórmula casual?

Se admitirmos que a Igreja é a continuação do Cristo, como seu corpo (cf. Ef 1,22-23), que a missão da Igreja deve durar enquanto durar a humanidade, que o ministério sacerdotal de Cristo se faz presente no sacerdócio da Igreja, que a eucaristia faz atual e eficaz o único sacrifício de Cristo, então devemos admitir a perenidade do sacerdócio ministerial quanto aos seus elementos essenciais.

Enquanto houver Igreja haverá sacerdotes que, na linha do sacerdócio de Jesus Cristo, renovam e fazem presente o sacrifício da cruz — único sacrifício do Novo Testamento e único sacrifício da Igreja.

Certos aspectos do sacerdócio ministerial dependem muito do contexto histórico e social. Muitas vezes na história o sacerdócio da Igreja foi entendido como restauração do sacerdócio do Antigo Testamento. Muitas vezes atribuiu-se ao sacerdote católico uma soma de poderes míticos, tal qual se encontra no sacerdote pagão. Muitas vezes espera-se do sacerdote que assuma todas as responsabilidades da Igreja, como se só ele fosse a Igreja e esgotasse a Igreja. São estes

— e há mais — exageros que de algum modo comprometem e empobrecem o sacerdócio ministerial, embora aparentemente o valorizem.

Desses e semelhantes tipos de sacerdote a Igreja pode e deve abstrair. Mas do sacerdote que a partir sobretudo da conversão (sacramento da penitência) e da eucaristia (sacramento do corpo e do sangue do Senhor para a vida do mundo), a partir de sua doação total, generosa, de todas as horas, inclusive com a renúncia alegre e convicta à vida de família e ao casamento, a partir do carisma de orientar, animar, coordenar como seu múnus específico todos aqueles que em um certo movimento, em certa área, em certo setor pastoral se dedicam à construção do reino de Deus, a partir do ministério que se conserva numa linha de fidelidade máxima ao sacerdócio único do Novo Testamento e da Igreja que é sacerdócio de Jesus Cristo, sim, deste sacerdote (que procurei descrever sumariamente em linhas simples) a Igreja nunca poderá abstrair pois pertence à sua mesma estrutura fundamental.

Se lermos com atenção e sensibilidade os documentos do Vaticano II, descobriremos que a Igreja continua valorizando, como não podia deixar de fazer, os dados essenciais do sacramento da ordem e daqueles que, como diáconos, presbíteros e bispos, foram tomados do povo de Deus para servir o povo de Deus.

## IMAGEM DE HUMILDE FÉ

1. O leitor do Brasil grande não sabe se existe e onde existe um lugarzinho chamado Puxinanã. Mas que existe, existe. No mapa e na vida, ali pertinho de Campina Grande. Povo humilde e simples, agricultores do pesado, pequenas roças que alimentam a cidade e sustentam a pobreza humilde e limpa. Por vezes quebra o ritmo do trabalho intenso. Na festa da padroeira tudo é festa. A povoação remoja e cresce, filhos da terra que vêm de longe (inté do Rio, seu vigaro), para se refazer na fonte cristalina.

2. Foi num dia de festa que surgiu no meu caminho a figura trôpega de D. Minervina. Quantos anos, D. Minerva? Oitenta e sete. Só? Então vosmecê ainda acha pouco? Olhe que eu tou um caco, boa só pro cemitero. Ai, meu filho, são oitenta e sete que vou interar em dezembro. E aperta minhas mãos com afeto. Sabe? A coisa mais bonita deste mundo é o padre. O padre? por quê? pergunto pra render conversa. Ela aperta mais, olha-me dentro dos olhos: O padre é a mesma dos olhos de Nossinhor.

3. E continua que em tempos atrás foi cozinheira de um padre, ai! bem uns trinta anos que ele morreu, coitadinho do Padre Zé. Depois eu saí pelo mundo e nunca mais arranjei emprego na casa do padre. Sabe o que eu gostava de fazer, meu filho? Sair atrás de vosmecê, como um cachorrinho, pisando no lugar dos seus pé, até chegar depressa na casa de Nossinhor. E mais aperta minhas mãos e mais me olha fundo nos olhos, com olhos de humilde fé que transborda de Puxinanã pro Brasil inteiro, sem dúvida e sem problema. (A. H.).